compreender

Revista Cristã de Reflexão

Nº37

JESUS CRISTO

"E vós,
quem dizeis
que eu sou?"

Mateus 16:15

ÍNDICE

JESUS – A PLENITUDE DE DEUS NA HUMANIDADE	2
JESUS E A IGREJA	4
JESUS, O CRISTO, O CORDEIRO DE DEUS QUE TIRA O PECADO DO MUNDO	5
EVIDÊNCIAS HISTÓRICAS DA EXISTÊNCIA DE JESUS DE NAZARÉ	8
JESUS CRISTO E A SOCIEDADE DO SEU TEMPO	11
OS LUGARES ONDE JESUS ANDOU	14
ICONOGRAFIA DE JESUS	16

IGREJA DE DEUS DO SÉTIMO DIA

FICHA TÉCNICA:

Formatação:

Rogério Marques, José Manuel Coelho

Propriedade, Montagem e Impressão

Gráfica:

Igreja de Deus do Sétimo Dia

(Pessoa Colectiva Religiosa

Igreja Radicada – nº 592016412)

www.id7dp.pt geral@id7dp.pt

Depósito legal: 105401/97

Novembro2023

EDITORIAL

Jesus Cristo

"E vós, quem dizeis que eu sou?"
Mateus 16:15

Jesus Cristo é o centro da revelação de Deus. Nele se consubstancia a mensagem da existência, da redenção e da esperança no futuro.

Jesus Cristo é o tema desta revista Compreender nº 37.

Ele é a realidade última que necessitamos de reconhecer e aceitar para a nossa vida.

Acima de tudo, desejamos que a leitura desta revista Compreender possa contribuir para a abertura de muitas vidas à presença plena de Jesus.

Passado, presente e futuro têm, em Jesus Cristo, um significado e por Ele encontramos a razão para a nossa existência.

Viver vale a pena, porque Jesus Cristo nos ama e através Dele, Deus está presente na nossa vida.

A Igreja de Deus do Sétimo Dia, está ao seu dispor para colaborar nesta missão de levar Cristo à vida de todos aqueles que ouvem o Seu chamamento e abrem o íntimo da sua vida à plenitude do amor de Deus, pelo Nosso Salvador e Redentor, Jesus Cristo.

(La Cathédrale - escultura de Auguste Rodin)

JESUS – A PLENITUDE DE DEUS NA HUMANIDADE

"E vós quem dizeis que eu sou?" (Mateus 16.15)

Paulo Jorge Coelho

"Pode alguém ser quem não é?" (**Sérgio Godinho** – cantor português)

"Porque a graça de Deus se há manifestado (...) aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo, o qual se deu a si mesmo por nós..." ***Tito 2:11-14***

"Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que, antes que Abraão existisse, eu sou." ***João 8:58***

A questão da evidência histórica e teológica de um **Jesus totalmente ser humano e totalmente Deus** é demasiadamente ampla para ficar contida em qualquer artigo, independentemente da sua dimensão (João 20:30-31).

Reduzindo-nos à nossa limitação e falibilidade humana para abarcar o "Todo divino", existe uma questão fundamental:

Se Deus é o Salvador (Isaías 45:21-22; 2 Samuel 22:2-3)**, pode Jesus, o ser humano redentor, não ser plenamente Deus?**

Numa batalha ganha pelo ato heroico de um soldado, quem é o verdadeiro vencedor? O soldado herói ou o general que no seu gabinete dá as ordens à distância? Certamente que o vencedor é o primeiro, que com a sua vida garantiu a vitória (1Coríntios 15:57).

Retirar a divindade a Jesus é destituir Deus do papel de Salvador, retirar a Sua humanidade é colocar Jesus fora do plano de Salvação.

A dificuldade de compreensão da essência divina no ser humano Jesus (Isaías 7:14; Mateus 1:23), o Cristo, reside na falta de entendimento de que Deus se manifesta plenamente em todas as dimensões da existência e que a plenitude, quando limitada, é-o pelo caracter da própria dimensão e não pela fragilidade da presença de Deus (Filipenses 2:5-11). Vejamos os principais exemplos:

A dimensão do infinito: não limitada no espaço e no tempo, só Deus a preenche e só Deus nela existe (1Timóteo 1:17; 6:16). Na sua pré-existência como Verbo de Deus, Jesus fazia parte deste infinito de Deus (João 1:1-2).

A dimensão da criação – o tempo e o espaço: quer na dimensão celestial, quer na dimensão do nosso Universo e da criação terrena, a criação de Deus é totalmente preenchida pelo Seu Criador. O Verbo de Deus é a expressão plena, no espaço e no tempo, para qualquer dimensão da Sua criação (Génesis 1:1; Colossenses 1:15-17; Apocalipse 4:11).

A dimensão humana: Deus preenche totalmente a condição humana em Jesus Cristo, plenamente ser humano e totalmente perfeito em humanidade (2Pedro 2:21-22; Efésios 4:13; Hebreus 7:28).

A dimensão da vida: Deus é a Vida e Jesus é a plenitude da Vida no tempo e no espaço (Salmo 36:7-9; João 1:1-4; 11:25; 14:6-10)

A dimensão da morte: Em Jesus Cristo, Deus dominou totalmente a realidade da morte, ao assumir, Ele próprio, o castigo pelo pecado e a plenitude do poder da morte. (Salmo 86:10-13; Isaías 25:8-9; Romanos 5:12-21; 6:1-23; 1Coríntios 15:55-57; 2Timóteo 1: 8-10; Hebreus 2:14-15; Apocalipse 1:17-18; 20:14).

A dimensão da redenção de toda a criação (terrena e celestial): Jesus Cristo, no seu sacrifício, é o redentor global tanto dos seres humanos como dos seres celestes (Apocalipse 12:1-11; Colossenses 1:13-20).

Preenchendo a plenitude de todas as dimensões da existência, podemos olhar para o Verbo de Deus, feito homem em Jesus Cristo, como plenamente Deus e plenamente ser humano. Vamos citar alguns factos, sem certamente os esgotar:

Jesus (o Verbo de Deus) é plenamente Deus (João 5:18):

a) é Deus (João1:1);

b) é gerado (da mesma substância de Deus) na dimensão do espaço e do tempo (João 3:16; Mateus 1:23);

c) é eterno (João 1:2; Hebreus 13:8);

d) é o Criador (João 1:3; Efésios 3.9; 1Coríntios 8.6; João 1.3; Colossenses 1.16-17);

e) Jesus reclama a condição de "EU SOU" - Yahweh – "EU SOU Aquele que é" - João 8.58-59 (João 4.26; 6.35, 48,51; 8:12,24,28; 10.7,11,14; 11.25; 14.6; 15.1,5; 18.5,6,8);

f) vários títulos divinos aplicam-se a Jesus: Alfa e o Omega (Apocalipse 1:8); o grande Deus e Salvador (Tito 2:13); o verdadeiro Deus e a Vida Eterna (1João 5.20); o teu trono, ó Deus, é para sempre (Hebreus 1.8 -9); meu Deus e Deus meu (João 20:28); Deus bendito eternamente (Romanos 9.5);

g) é o alvo das orações e recetor do fôlego de vida (Atos 7:59-60, Lucas 23:46; Eclesiastes 12.7);

h) perdoa pecados (Marcos 2.5-12; Lucas 5.19-21);

i) é adorado Mateus 2.11: 4.10; 14.33; 28.9,17; Atos 10.25-26; 14.12-15; 2Timóteo 4. 1,8,14; Hebreus 13.21; 1.6-8,10 – citação do Salmo 102.25; 1Pedro 4.11 2Pedro 3.18. Apocalipse 5.8-14, 7.10-12, 22.8-9.

j) tem atributos divinos: é Omnisciente (Mateus 9:4; Lucas 8:7-8; João 11:11-15); é Omnipresente (Mateus 28:20; 18:20; é Omnipotente (Apocalipse 17:14; Efésios 1:22).

Jesus, é plenamente ser humano (Isaías 9:6): esvaziando-se da natureza divina (Filipenses 2.5-8), sem abdicar desse estatuto (Lucas 4.9-13; Mateus 4.6-7), Jesus viveu como ser humano o Seu ministério terreno, enfrentando as dificuldades que qualquer ser humano pode ter na sua existência (Hebreus 4:15). Como ser humano pleno e abdicando do recurso à capacidade exclusiva da divindade, além daquela que qualquer um dos crentes pode ter pelo poder do Espírito Santo, Jesus torna-se um exemplo para a Humanidade (João 13:15).

A evidência maior do Jesus histórico (ser humano) está presente nos Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João), os quais não podem ser ignorados neste campo, assim como todo o restante da Palavra de Deus, em termos proféticos (Antigo testamento) e em termos da realidade consumada (Novo Testamento).

Há cerca de dois mil anos, Jesus provocou uma "revolução" histórica universal. Além da Bíblia, existem também alguns escritos antigos que nos abordam a figura do ser humano Jesus Cristo. De facto, podemos quase reconstruir o Evangelho somente a partir das primitivas fontes não-cristãs: Jesus foi chamado de Cristo (Flávio Josefo - historiador judeu; Suetônio - secretário-chefe do Imperador Adriano), praticou "magia", conduziu Israel a novos ensinamentos, e por eles foi pendurado na Páscoa (*O Talmude Babilônico*), na Judeia (Tácito – historiador romano), mas afirmou ser Deus e que retornaria (Eliezar- rabino citado em manuscritos antigos), no que os seus seguidores creram – adorando-O como Deus (Plínio, o Jovem - governador da Bitínia).

Talvez a maior evidência de que Jesus existiu seja o fato de que, literalmente, milhares de cristãos no primeiro século d.C., inclusive os doze apóstolos, estiveram dispostos a dar suas vidas como mártires por Jesus Cristo.

Em conclusão, as evidências de um Jesus plenamente Deus e plenamente ser humano são vastas e a compreensão desta realidade cosmológica tem uma grande importância para a dimensão da vida do ser humano, pois reflete-se na capacidade de atingirmos a mais elevada dimensão espiritual pela presença do Espírito de Deus. A prova de Jesus, Deus e ser humano, expressa-se na imaterialidade do pensamento e do mais íntimo de cada crente pela Fé (acreditando, sentindo e pertencendo) (João 20:29).

JESUS E A IGREJA

Paulo Renato Garrochinho

"Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em Meu nome, aí estou Eu no meio deles." ***Mateus 18:20***

Jesus é o centro de todas as nossas esperanças. O passado, o presente e o futuro estão reunidos e concentrados em Cristo. Ele é o Mantenedor, o Soberano, Aquele que sustenta todas as coisas pela Palavra do Seu poder.

"Havendo Deus, desde a antiguidade, falado, em várias ocasiões e de muitas formas, aos nossos pais, por intermédio dos profetas, nestes últimos tempos, nos falou mediante seu Filho, a quem constituiu herdeiro de tudo o que existe e por meio de quem criou o Universo. Ele, que é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando tudo o que há pela Palavra do seu poder. Depois de haver realizado a purificação dos pecados, Ele se assentou à direita da Majestade nas alturas." ***Hebreus 1:1-3.***

Em Jesus encontramos o sentido da História, o sentido da totalidade das ações, do pensamento e das realizações Humanas. Isso só é possível porque Jesus é o Princípio e o Fim de tudo o que existe. O nosso mundo e a nossa existência como pessoas, no meio de tantas luzes e sombras, deceções, sucessos, alegrias e tristezas, luto e morte, não teriam razão de ser se Jesus, pela Sua morte e ressurreição, não nos abrisse um vasto horizonte de esperança e fé.

"Eis que venho sem demora! E trago comigo o galardão que tenho para premiar a cada um segundo as suas obras. Eu Sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Derradeiro, o Princípio e o Fim." ***Apocalipse 22:12,13.***

"Estamos certos de que Deus age em todas as coisas com o fim de beneficiar todos os que o amam, dos que foram chamados conforme seu plano." ***Romanos 8:28.***

Jesus está presente na nossa vida, tanto nos bons, como nos maus momentos. Através da nossa comunhão com Ele, encontramos a força, a esperança e o sentido para muitas das situações negativas que ocorrem na nossa vida.

Jesus é também o centro, a razão de ser e a plenitude de vida da Igreja. A Igreja não é essencialmente uma instituição, com a sua administração, burocracias e hierarquias. A Igreja é essencialmente uma Comunidade Cristã onde Cristo reina e une os crentes. A Igreja é o lugar privilegiado da comunhão e amor fraternal entre os crentes, as visitas e todos aqueles e aquelas que buscam um sentido para as suas vidas. Não existe Igreja sem a comunhão, partilha e união entre todos em Cristo. A Igreja não é essencialmente um conjunto de doutrinas, regras e princípios orientadores, embora tudo isto seja importante e ocupe um lugar próprio. A Igreja é Cristo entre os irmãos, unidos pelas orações, intercessões, estudo da Palavra de Deus e espírito de entreajuda.

A Igreja é já o Reino de Deus antecipado, onde Jesus é Senhor e Rei. Em Cristo podemos viver o grande amor de Deus, na forma como nos tratamos uns aos outros, nos preocupamos uns com os outros e como caminhamos juntos na perspetiva real da concretização desse Reino. Jesus é o "Eschaton", a finalidade e significado último de tudo o que fazemos, acreditamos e somos.

"Porque nenhum de nós vive exclusivamente para si, e nenhum de nós morre apenas para si mesmo. Se vivemos, para o Senhor vivemos; e, se morremos, é para o Senhor que morremos. Sendo assim, quer vivamos ou morramos, pertencemos ao Senhor. Porquanto foi por este motivo que Cristo morreu e voltou a viver, para ser Senhor tanto de vivos quanto de mortos." ***Romanos 14:7-9.***

JESUS, O CRISTO, O CORDEIRO DE DEUS QUE TIRA O PECADO DO MUNDO

Manuel José dos Santos

Antes que o pecado germinasse no coração do ser humano, este estava em inteira e íntima relação com Deus. Antes da desobediência, o homem e Deus eram o que se pode chamar dois bons amigos. Originariamente estávamos, portanto, em perfeita harmonia com o Criador e também com as outras criaturas, enfim com todo o Universo.

A desobediência fez-nos perder o espírito equilibrado, o bom senso, a noção da realidade, o discernimento dos mistérios divinos, os bons pensamentos e as intenções santas. Deixámos de ser criativos em relação à vida e engendrámos a morte. O egoísmo veio substituir o amor. Perdemos o gozo pela santidade e deixámos de ter prazer na comunhão com Deus.

Os pensamentos, motivações e interesses do ser humano estão em completa oposição aos celestiais. Por isso o homem decaído não tem prazer nas coisas do espírito, tornou-se essencialmente carnal e perdeu de vista tudo quanto é elevado e divinal.

Mesmo que o reino de Deus fosse facultado ao homem, tal como ele está, sentir-se-ia deslocado. Não é Deus, portanto, que está vedando ao homem o Reino, o homem é que se sente excluído por sua própria inaptidão.

Há um episódio interessante nas Escrituras, narrado por Daniel que ilustra bem a impreparação do ser humano para enfrentar as coisas celestiais:

Por ocasião de uma visão celestial, o profeta diz que só ele a viu, porque os homens que estavam com ele não a viram, porque caiu sobre eles um grande temor e fugiram, escondendo-se. (Daniel 10.7)

É isto mesmo que o homem tem feito há milénios. Tem fugido de Deus e de si próprio e tem-se escondido nos seus medos, ocultando a sua verdadeira natureza.

Quando Deus pede ao homem que apareça e se mostre tal como é, ele refugia-se por detrás de máscaras, do véu da hipocrisia. Quando Deus diz ao homem que o quer salvar, ele desdenha e nega ter necessidades desse género.

Em toda a ação do ser humano está implícita uma promessa de regeneração. Para o ladrão, existe sempre a ideia de que um dia não irá mais roubar. O alcoólico promete à família que no dia seguinte já não bebe. O drogado deseja libertar-se da dependência que o vitima.

Quantas vezes homens e mulheres não se recolheram em mosteiros para se penitenciarem de maus atos praticados, atitudes tresloucadas, ou para acabarem com uma vida que eles próprios condenam? Sabemos de muitos que assim procederam, procurando fugir de si próprios.

Mesmo sem dar conta disso, as pessoas têm uma necessidade de regeneração. Porém torna-se impossível ao ímpio, por si mesmo, transformar o seu coração.

"Quem do imundo tirará o puro? Ninguém." ***Job 14.4)***

"Porque a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem em verdade o pode ser." ***Romanos 8.7***

Por mais pura e correta que a pessoa se queira assumir, ela nunca conseguirá a verdadeira santidade e equilíbrio, enquanto não substituir os seus valores pelos valores de Deus; enquanto não se purificar no sangue oferecido na cruz; enquanto não se tornar amiga de Deus.

A educação, a cultura, os esforços, os exercícios

da vontade, as fórmulas humanas, podem levar a procedimentos exteriormente corretos, mas não podem mudar o caracter.

Não basta compreender as coisas de Deus ou o seu carácter, ou reconhecer a sua sabedoria e a sua justiça. Isto pode parecer suficiente, mas é muito vago. Posso até ser um escrupuloso observador da lei de Deus, como o era por exemplo Nicodemos; mas se eu for carnal, nunca vou passar dum legalista.

Perante esta perspetiva alguém poderá interrogar-se: Então como poderei eu livrar-me desta condição? Será que ao homem não está reservada uma fuga, uma maneira de escapar à sua natureza decaída?

João Batista foi quem melhor identificou o autor da grande obra de remissão do ser humano. O protagonista desse plano divino, tão maravilhoso, para elevar o homem da sua própria condição:

"Eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo." ***João 1.29***

Não adiantam boa vontade e esforços humanos. Esta é a única solução para remediar as chagas do carácter humano. Não há verdadeira excelência de carácter fora de Jesus Cristo.

Jesus, falando de si próprio também afirmou: *"Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém vem ao Pai, senão por mim."* ***João 14.6***

Ele é, portanto, o único remédio a tomar, o único caminho a percorrer, a única solução a aceitar, a única proposta credível e eficaz. Todo o esforço despendido na redenção do homem; todo o trabalho com que se procura reconduzir o homem ao paraíso; e todo o ministério dos anjos empenhados em favor dos perdidos, provam que não cabe ao homem a sua salvação pessoal.

Embora a História profana queira fazer crer que o homem é que tem procurado as divindades ou se tem empenhado em buscar Deus, o que é certo é que, desde o início, Deus é que tem procurado o ser humano e se tem esforçado para o reconduzir ao seu estado inicial.

A capacidade psicológica fundamental, que acompanha o desenvolvimento da personalidade, é superar a culpa, renunciando ao mal. É preciso coragem, firmeza e inteligência para nos libertarmos dos maus atos e do consequente sentimento de culpa.

Não estamos a falar de exercícios de vontade, esforços humanos, ou táticas de santificação. Estamos falando simplesmente de coragem, firmeza e inteligência.

Como pode o pecador ser justificado? Isto é, ser posto em harmonia com Deus?

Deus, antes de requerer a nossa santidade, providenciou a nossa justificação. Esta deve ser a nossa preocupação primária.

Há muitos que se entristecem pelos seus pecados a até chegam a efetuar exteriormente algumas reformas, porque receiam que o seu mau procedimento lhes traga dissabores ou a condenação da sociedade. Neste tipo de arrependimento lamenta-se mais a consequência do pecado do que o próprio pecado. Não é este o arrependimento de que a Bíblia fala.

Quando o pecador é posto em confronto com a lei de Deus, as coisas ocultas ficam a descoberto. Nasce assim a compreensão da justiça divina e a aversão à impureza e à consequente culpa. É daqui que surge o gozo pela santidade, o prazer de ser obediente e a ânsia de restaurar a comunhão com Deus. Isto é arrependimento segundo os padrões divinos. É isto que Deus exige do homem.

O arrependimento precede o perdão dos pecados. Só posso ser perdoado, depois de arrependido. E só posso ser salvo, depois de perdoado. Só um coração contrito reconhece a necessidade de salvação.

Jesus Cristo é a origem de todos os bons impulsos. Não podemos arrepender-nos, sem que ele nos desperte a consciência. Ele é nosso principal fator de maturidade na senda da salvação.

O desejo de verdade e pureza, a convicção da nossa própria condição pecaminosa, é evidência de que Cristo está operando em nós. Quando o pecador se envergonha dos seus maus hábitos, renuncia aos seus desejos impuros, faz um esforço para reformar-se e sente desejo de proceder bem, é sintoma que o poder e influência de Jesus Cristo está agindo nele.

Ninguém espere persuasão mais forte, nem melhores oportunidades ou um temperamento mais santo. Hoje é o dia da grande oportunidade de aceitar o dom gratuito de Deus.

"O que nós não vencermos, vencer-nos-á a nós". Não consideremos o pecado como coisa trivial. Cada ato de desobediência, cada negligência, ou rejeição da graça divina, endurece o coração, enfraquece a vontade e entorpece o entendimento, tornando-nos menos inclinados a ceder à influência do Espírito Santo e a levar-nos ao arrependimento. Qualquer cedência ao pecado acabará por neutralizar o poder do evangelho nos nossos corações.

O homem tem tentado transpor o abismo que o separa de Deus recorrendo insensata e erroneamente aos seus próprios recursos. Falível e fraco como é, não tem conseguido o menor êxito. Os seus esforços e autossuficiência apenas o têm afastado cada vez mais de Deus.

Mas Deus, pelo seu infindável amor, proporcionou ao homem o acesso ao seu reino, pela ponte que pôs sobre esse abismo de separação – o único mediador entre Deus e o homem – Jesus Cristo.

Quando Jesus é exposto, tanto para as pessoas da sua época, como para as de hoje, como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, são formuladas diversas opiniões.

Quando se encontra Jesus Cristo, não tem que se formular qualquer opinião. É preciso tomar uma posição. É crer ou não crer. Nem Jesus, nem o plano de salvação oferecido por Deus, estão sujeitos à apreciação dos homens. O homem deve limitar-se a aceitar com gratidão e humildade o que Deus lhe oferece. É urgente tomar uma decisão.

"Ouvi-te em tempo aceitável e socorri-te no dia da salvação. Eis aqui agora o tempo aceitável, eis aqui agora o dia da salvação." ***2Coríntios 6:2***

EVIDÊNCIAS HISTÓRICAS DA EXISTÊNCIA DE JESUS DE NAZARÉ

Ricardo Marques

A natureza humana faz com que muitas vezes acreditemos em coisas que ouvimos e que são passadas de geração em geração como verdadeiras.

Se disséssemos que, na verdade, Jesus nunca existiu, acreditaria?

Para o historiador Joseph Atwill essa é a verdade, ele acredita que Jesus é uma invenção da aristocracia romana e que o Cristianismo foi criado como forma de controlar o povo.

De acordo com este historiador, ao longo da história o Cristianismo foi um fracasso, pois criou a idade das trevas, as cruzadas, a inquisição, etc.

Ao contrário do que se possa pensar Joseph Atwill não é ateu, ele considera-se Agnóstico ou seja não acredita, mas também não nega a existência de Deus. Na sua opinião, Jesus nunca existiu e ao longo da história as pessoas foram acreditando nesta narrativa inventada.

Mas além de toda a história que é relatada na Bíblia, que outras evidências existem que provam que Jesus realmente existiu?

Vamos tentar apresentar as evidências bíblicas, científicas e históricas que mostram que o Cordeiro de Deus é real.

(Caravaggio, "Incredulidade de São Tomé")

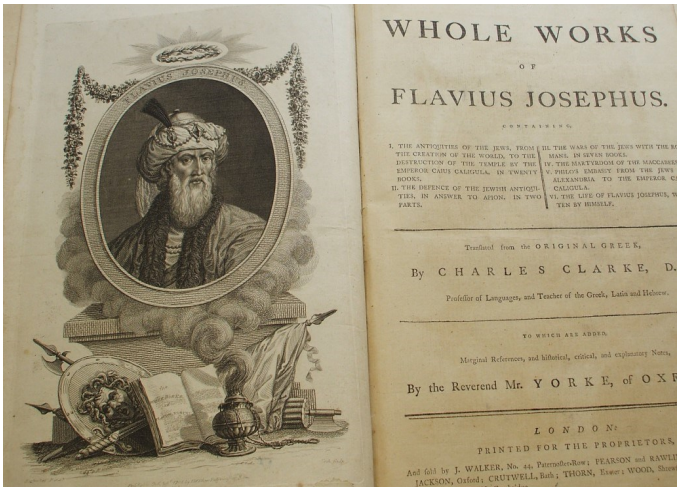
Em primeiro lugar podemos considerar as diversas fontes literárias, como as cartas de Paulo que foram escritas entre os anos 40 e 50 d.C., e os Evangelhos escritos a partir do ano 70. Se considerarmos como exemplo o Evangelho de Marcos, podemos encontrar informações sobre a vida de Jesus, como por exemplo que Ele era da cidade de Nazaré, que foi batizado por João Batista e morto durante o governo de Pôncio Pilatos, sendo estas duas figuras históricas, que comprovadamente existiram.

Mas estando a basearmo-nos na Bíblia, podemos sempre ser interpelados com a questão: mas quem garante que o que está escrito é verdade?

Se pensarmos que Jesus terá morrido por volta do ano 30, se Paulo, Marcos e outros tivessem inventado a figura do Messias e os acontecimentos da sua vida, os quais incluíam figuras políticas extremamente importantes na época, como é que a história se propagava e formava a maior religião de todo o mundo?

Outro fator a ter em consideração é que muitas das obras foram escritas numa época em que ainda existiam testemunhas vivas que partilharam momentos com Jesus, e que os discursos atribuídos a Jesus, assim como a descrição dos diversos acontecimentos da Sua vida se enquadram no contexto, cultura e geografia da Palestina do primeiro século.

Além das escrituras bíblicas, existem também alguns relatos não bíblicos que citam Jesus, como por exemplo, os do historiador judeu do primeiro século chamado Flávio Josefo, que além de historiador era descendente de uma linhagem de importantes sacerdotes. Entre as obras mais relevantes de Flávio Josefo estão "A Guerra dos Judeus" e "Antiguidades Judaicas". O primeiro livro é uma importante fonte sobre a primeira guerra judaico-romana que aconteceu entre os anos 66 e 73 do primeiro século, já o segundo conta a história do mundo sobre uma perspetiva judaica. Historiadores acreditam que Flávio Josefo nasceu pouco depois da crucificação de Jesus por volta do ano 37, e que chegou a participar na primeira guerra judaico-romana, servindo como comandante na Galileia durante esse conflito. Embora Flávio Josefo não fosse um seguidor de Jesus Cristo, ele viveu numa época em que conheceu muitas pessoas que tinham visto e ouvido Jesus de Nazaré.


WHOLE WORKS
OF
FLAVIUS JOSEPHUS.
CONTAINING,
I. THE ANTIQUITIES OF THE JEWS, FROM THE CREATION OF THE WORLD, TO THE DESTRUCTION OF THE TEMPLE BY THE EMPEROR CAIUS CALIGULA. IN TWENTY BOOKS.
II. THE DEFENCE OF THE JEWISH ANTIQUITIES, IN ANSWER TO APION. IN TWO PARTS.
III. THE WARS OF THE JEWS WITH THE ROMANS, IN SEVEN BOOKS.
IV. THE MARTYRDOM OF THE MACCABEES.
V. PHILO'S EMBASSY FROM THE JEWS OF ALEXANDRIA TO THE EMPEROR CALIGULA.
VI. THE LIFE OF FLAVIUS JOSEPHUS, WRITTEN BY HIMSELF.
Translated from the ORIGINAL GREEK,
By CHARLES CLARKE, D.
Professor of Languages, and Teacher of the Greek, Latin and Hebrew.
TO WHICH ARE ADDED,
Marginal References, and historical, critical, and explanatory Notes,
By the Reverend Mr. YORKE, of OXF
LONDON:
PRINTED FOR THE PROPRIETORS,
And sold by J. WALKER, No. 44, Paternoster-Row; PEARSON and RAWLINS; JACKSON, Oxford; CRUTWELL, Bath; THORN, Exeter; WOOD, Shrewsbury

Podemos ainda encontrar outros relatos não bíblicos sobre a existência de Jesus, nomeadamente na obra "*Anais*" de Públio Cornélio Tácito que foi um historiador e senador romano. Esta obra, escrita por volta de 116 d.C. conta a história do Império Romano.

No seu livro "Antiguidades Judaicas" em que fala duma execução ilegal, ele identifica a vítima como sendo Tiago, irmão de Jesus. Apesar deste facto não provar a existência de Jesus, esta passagem prova que Flávio Josefo tinha conhecimento da existência de Jesus.

Noutra parte do livro conhecida como *Testimonium Flavianum* ele refere a existência de um homem sábio e autor de coisas admiráveis, chamado Jesus o Cristo, que foi condenado a ser crucificado por Pôncio Pilatos.

O *Testimonium Flavianum* foi um texto muito respeitado até meados do século XVII, sendo que depois disso houve muita discussão se ele seria verdadeiro ou uma interpolação. Alguns manuscritos descobertos no século XX reforçam a veracidade do mesmo. A historiadora Alice Whealey, apresentou um manuscrito do século V que contém uma variante do texto "Ele era tido como sendo o Cristo", onde no original está "Ele era o Cristo". Um dos fatores que dificulta a confirmação da veracidade do texto reside precisamente na afirmação de que Jesus era o Cristo, pois Flávio Josefo era judeu e esta afirmação parece fazer de Flávio Josefo um cristão.

Quando descreve o incêndio de Roma no ano 64, ele menciona que o Imperador Nero culpa as pessoas chamadas de "Cristãs" e refere que Cristo, o fundador

do nome foi executado por Pôncio Pilatos, procurador da Judeia no reino de Tibério, e que o movimento, inicialmente contido, se espalhou novamente na Judeia e até na própria Roma. O consenso académico é que a referência de Tácito à execução de Jesus por Pilatos é autêntica e de valor histórico como fonte romana independente.

Ainda antes deste relato de Tácito, o governador romano Plínio, escreveu ao Imperador Trajano que os primeiros cristãos cantavam hinos a Cristo como a um Deus.

Outro facto curioso é que não existem relatos ou escritos mais antigos que questionem a existência de Jesus. Aliás na literatura mais antiga dos Rabinos judeus, Jesus é referido como o Nazareno, o filho ilegítimo de Maria e um feiticeiro. Entre os pagãos, nomeadamente para o satírico Luciano de Samósata, que escreveu a obra "A Passagem de Peregrino", uma rara abordagem ao cristianismo segundo o ponto de vista de um não-cristão, e para o filósofo Celso, Jesus era considerado como uma pessoa desprezível, mas em momento algum a sua existência foi questionada.

Em resumo e de acordo com Amy-Jill Levine (Professora de Estudos sobre o Novo Testamento e Estudos Judaicos na Universidade Vanderbilt), "*há uma espécie de consenso sobre o esboço básico da vida de Jesus*" em que a maioria dos estudiosos concorda que Jesus foi batizado por João Batista e durante um período de um a três anos debateu com as autoridades judaicas acerca do tema "Deus", reuniu seguidores e foi crucificado por ordem de Pôncio Pilatos.

Mas existe alguma prova física ou arqueológica que confirme a existência do Filho de Deus? A resposta é não, mas ao longo do tempo também nunca foi expectável que tal acontecesse. Justin Meggitt, professor de História da Religião na Universidade de Estocolmo argumenta que, uma vez que a maioria das pessoas na antiguidade não deixou nenhum sinal de sua existência, especialmente os pobres, não é razoável esperar que fontes não cristãs corroborem a existência específica de alguém com o estatuto socioeconómico de Jesus.

Apesar de não existirem provas físicas que possam ser ligadas diretamente a Jesus, arqueólogos descobriram, naquela que se pensa ser a cidade de Nazaré, uma casa com pátio escavado na rocha, com túmulos e uma cisterna, assim como evidências físicas de crucificações romanas como a de Jesus, descrita no Novo Testamento.

Tendo em conta as provas físicas que confirmam a descrição do modo de vida referido no Novo Testamento e o facto de existir um conjunto alargado de escritores não cristãos a fazerem referência a Jesus, podemos concluir que não existe margem para dúvidas que Jesus viveu entre os homens.

"Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, o qual se deu a si mesmo em resgate por todos, para servir de testemunho a seu tempo; " ***1Coríntios 2:5***

Com este artigo, em momento algum se teve por objetivo colocar em causa a Bíblia, palavra de Deus, mas apenas mostrar que outras evidências confirmam a existência de Jesus Cristo.

JESUS CRISTO E A SOCIEDADE DO SEU TEMPO

Maria Helena Marques

Palestina Romana, há dois milénios.

Aqui, no início da contagem dos anos da nossa era, nasceu Jesus, o Nazareno, conforme ficou conhecido até à sua morte na cruz, sobre a qual Pôncio Pilatos mandou que se escrevesse: Jesus Nazareno, rei dos judeus.

Nazaré, a pequena cidade no sul da Galileia, onde viveu com a Sua família terrena e Cafarnaum, a norte, onde iniciou a sua vida pública, foram os locais a partir dos quais Jesus desenvolveu a sua caminhada, de pregação e intervenção na sociedade, deslocando-se a muitos lugares da Palestina, incluindo Jerusalém, na Judeia, espalhando a Palavra e anunciando a vinda do Reino de Deus.

Este território tinha sido, desde a conquista de Alexandre Magno, até cerca de 160 a.C., um domínio do Império grego que pretendia fazer a helenização forçada dos judeus. Os macabeus destronaram este domínio dando origem ao estado Judaico que durou cerca de um século, 152 – 63 a.C., até à conquista de Jerusalém pelo general romano Pompeu, passando a constituir um domínio romano tributário, mas tendo como governador, um rei judeu que, ao tempo do nascimento de Jesus, era Herodes, o Grande.

A sociedade judaica desta época era, pela sua História, uma sociedade complexa, multicultural, onde se cruzavam ideias, filosofias, religiões, línguas e inspirações muito diversificadas.

Os primeiros anos da vida de Jesus coincidiram com os conflitos internos gerados pela sucessão de Herodes. A decisão viria a ser tomada por Augusto, imperador romano, que dividiu o reino pelos três filhos de Herodes: Arquelau (Judeia, Idumeia e Samaria), Herodes Antipas (Galileia) e Filipe (territórios a norte e leste da Galileia). Arquelau viria a ser destituído e em sua substituição foi nomeado um governador romano: Pôncio Pilatos. Durante a maior parte da vida de Jesus, a Palestina esteve sob o domínio do imperador Tibério César (14-37 d.C.). Apesar da sua pertença ao Império Romano, foi-lhe concedida autonomia nos assuntos internos do país.

O Poder judaico – político, económico e religioso

O órgão político mais importante era o Sinédrio, um senado composto por 71 membros, entre sacerdotes, anciãos, escribas e fariseus, responsável pelo cumprimento da Lei e da ordem interna. Era presidido pelo sumo sacerdote.

Neste contexto destacavam-se, também, os grupos político-religiosos: os saduceus, os fariseus, os essénios e os zelotas.

O Templo, para além de lugar de culto da fé judaica, era também um importante local de comércio. Ali se faziam negócios e se vendiam mercadorias e os animais destinados aos sacrifícios. Esta vertente comercial tornou-se, com o tempo, uma fonte de corrupção que levou Jesus a insurgir-se contra essas atividades, que denunciou, como um desvio ao culto celebrado no Templo. O Seu gesto de expulsão dos cambistas e dos vendedores do Templo vem relatado em Mateus 21:12-13.

O Templo, lugar de culto da fé judaica, era a instituição mais importante para o povo judeu da Palestina.

Todos os judeus, não importando a distância a que estivessem de Jerusalém, deviam ir ao Templo, pelo menos, uma vez na vida.

No Templo, cumpriam-se os sacrifícios e todos os rituais das etapas de vida dos indivíduos definidos pela Lei. Jesus, como membro de uma família judia, primogénito de José e de Maria, foi apresentado a Deus, no Templo, quando se completaram os dias estabelecidos. Aos 12 anos, considerada a idade de passagem à idade adulta do ponto de vista dos deveres religiosos, Jesus é encontrado no Templo ouvindo e interpelando os doutores da Lei:

"E, tendo ele já doze anos, subiram a Jerusalém, segundo o costume do dia da festa. E, regressando eles, terminados aqueles dias, ficou o menino Jesus em Jerusalém, e não o soube José, nem sua mãe. ***Lucas" 2:42-43.***

(Simulação do templo de Jerusalém)

O Templo situava-se em Jerusalém, mas por toda a extensão da Palestina Romana existiam as sinagogas, conforme os Evangelhos relatam e a arqueologia confirma. Foram construídas pelos judeus, depois da volta do exílio babilónico, e eram da maior importância como locais do culto judaico e oração.

"*E, chegando a Nazaré, onde fora criado, entrou num dia de sábado, segundo o seu costume, na sinagoga, e levantou-se para ler. E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías; e, quando abriu o livro, achou o lugar em que estava escrito: O Espírito do Senhor é sobre mim, pois que me ungiu para evangelizar os pobres. Enviou-me a curar os quebrantados do coração. E, cerrando o livro, e tornando-o a dar ao ministro, assentou-se; e os olhos de todos na sinagoga estavam fitos nele. Então começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta Escritura em vossos ouvidos. "* ***Lucas 4:16-21.***

Eis aqui a sua identificação, o propósito da sua vida e da sua vinda, o princípio da mensagem que queria transmitir.

As condições de vida do povo eram, na sua maioria, precárias. Os pobres e os doentes viviam marginalizados e sobre eles pairava o estigma da maldição por estarem nessa condição. As classes preponderantes eram prósperas, estavam acomodadas à situação de submissão ao poder de Roma e, para sua conveniência e sobrevivência, eram aliadas desse poder que era violento, punitivo e opressor do povo, sujeitando-o a castigos severos, quando existia alguma insubordinação, e a impostos pesados sobre os seus fracos recursos.

Neste clima de opressão, o povo vivia ansioso pela chegada de um Messias / Rei que o libertasse das condições a que estava sujeito.

As multidões seguiam Jesus, o Mestre, e viviam na esperança de que seria ele esse libertador. Alguns relatos nos Evangelhos fazem-nos perceber o desalento do povo:

"E percorria Jesus todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas deles, e pregando o evangelho do Reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo. E, vendo as multidões, teve grande compaixão delas, porque andavam cansadas e desgarradas, como ovelhas que não têm pastor."

Mateus 9:35-36.

Jesus demonstrou o seu amor por todos dedicando-se, especialmente, aos marginalizados do seu tempo. Enfrentou a perseguição dos que eram detentores do poder político, económico e religioso.

Apresentou-se à sociedade trazendo uma forma surpreendente de interpretar a vida e a própria Lei. Acusado de não a cumprir, especialmente no que referia à guarda do Sábado, afirmou a certa altura:

"Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim abrogar, mas cumprir. Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus."

Mateus 5:17, 20

Jesus não afastou de si ninguém, nem mesmo pecadores ou pessoas mal-aceites na sociedade, como os publicanos.

"E aconteceu que, estando ele em casa sentado à mesa, chegaram muitos publicanos e pecadores, e sentaram-se juntamente com Jesus e seus discípulos. E os fariseus, vendo isto, disseram aos seus discípulos: Por que come o vosso Mestre com os publicanos e pecadores? Jesus, porém, ouvindo, disse-lhes: Não necessitam de médico os sãos, mas, sim, os doentes.Ide, porém, e aprendei o que significa: Misericórdia quero, e não sacrifício. Porque eu não vim a chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento. " ***Mateus 9:10-13.***

A sua doutrina, os seus ensinamentos, a sua forma de encarar a sociedade, causou muitas vezes perplexidade e escândalo e viria a transformar-se em motivo de perseguição, ataque e julgamento. Finalmente, a confirmação da sua condenação pela afirmação diante dos líderes judeus:

"E disseram todos: Logo, és tu o Filho de Deus? E ele lhes disse: Vós dizeis que eu sou. Então disseram: De que mais testemunho necessitamos? pois nós mesmos o ouvimos da sua boca." ***Lucas 22:70-71.***

A missão de Jesus estava a cumprir-se.

Condenado à morte, pelo poder que enfrentara, abandonado por muitos dos seus seguidores, alguns deles desapontados pelo facto de Ele não ser o Messias libertador do poder opressor que os afligia, mesmo assim, Jesus continuou a dirigir uma palavra de amor e de perdão a todos.

"E, quando chegaram ao lugar chamado a Caveira, ali o crucificaram, e aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda. E dizia Jesus: Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem." ***Lucas 23:33-34.***

Este amor maior que Jesus Cristo, o Filho de Deus, demonstrou por todos ficou registado, para sempre, no Evangelho de João 3:16.

"Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. "

OS LUGARES ONDE JESUS ANDOU

Rogério Fernandes

"E, partindo Jesus dali, foi para as partes de Tiro e de Sidom." ***Mateus 15:21***

Estas cidades pertenciam à Fenícia, ou seja, um ter-

(Ruinas da cidade de Tiro)

ritório impregnado da idolatria cananeia.

(Ruinas da Cidade de Sidon)

Portanto, um lugar proibido para qualquer judeu e especialmente para um Messias. E vou começar este artigo com o que considero ser um dos diálogos mais dramáticos de Jesus até ao Seu Sacrifício:

" E eis que uma mulher cananeia, que saíra daquelas cercanias, clamou, dizendo: Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de mim, que minha filha está miseravelmente endemoninhada." ***Mateus 15:22***

Perante este lancinante clamor o Mestre manteve-se impávido e sereno:

"Mas ele não lhe respondeu palavra. E os seus discípulos, chegando ao pé dele, rogaram-lhe, dizendo: Despede-a, que vem gritando atrás de nós."
Mateus 15:23

Mas a mulher, não só não se calava, como não desistia de falar com o Mestre. Ela tinha pressentido que estava perante, mais que o Filho de David, o Ungido do Senhor, o Messias!

Até que a 'corrida' teve um epílogo!

"Então chegou ela, e adorou-o, dizendo: Senhor, socorre-me!" ***Mateus 15:25***

Ora, aqui é que Jesus dá ideia de ignorar todo aquele arrebatamento maternal…

…"Ele, porém, respondendo, disse: Não é bom pegar no pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos." ***Mateus 15:26***

Posto isto, vamos a uma explicação!

Os judeus, na sua faculdade de 'único Povo de Deus' e, principalmente no pós-exílio e acima de tudo após a purificação do Templo pelos Macabeus, consideravam-se impuros se comunicassem com gentios e ainda por cima mulheres. Pior, o judaísmo hegemónico ortodoxo tratava os gentios como "cães" ou "porcos"(**Mateus 7:6)** até mesmo à revelia da Torah que lhes incute amor e compreensão.

Daí, a referência anterior de Jesus.

Porém, este diálogo é um perfeito exemplo da sábia narrativa bíblica, porque força a mulher a uma resposta surpreendente…

"E ela disse: Sim, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus senhores." ***Mateus 15:27***

Era a 'deixa' que Jesus estava à espera para rematar com toda a magnanimidade…

"Então respondeu Jesus, e disse-lhe: Ó mulher, grande é a tua fé! Seja isso feito para contigo como tu desejas. E desde aquela hora a sua filha ficou sã." ***Mateus 15:28***

Na imensa quantidade de lugares por onde Jesus andou, destaquei este pelo seu simbolismo.

E por várias razões:

1° - O Messias não veio para se fechar numa redoma de vidro como fazia a classe sacerdotal e isolar-se dos problemas do povo.

2° - A sua vinda não teve como destinatário, unicamente, o povo Judeu, mas sim também "os gentios", ou seja, o povo que adorava outros deuses, como era o caso daquelas gentes da Fenícia.

3° - Constituindo, na moral reinante, o terrível preconceito de falar com mulheres alheias, uma instituição enraizada na sociedade, mais uma vez Jesus rompe tabus no sentido da liberdade do ser humano. E ainda por cima valorizando-o "Ó mulher, grande é a tua fé!"

4° - Sendo o Messias, na ótica do povo judaico, aquele que "vinha remir Israel" e não mais do que isso, eis que se alarga a sua desilusão com este milagre de Jesus sobre uma mulher cananeia. Gentes doutros povos recebiam também as Graças divinas através da Boa Nova do Mestre.

Outros destinos idênticos percorreu Jesus com o intuito de acentuar a universalidade do Seu Evangelho. Recordemos a Sua ida ao extremo norte de Israel, Cesareia de Filipe, a Sua deambulação pela zona do Jordão em contato com os povos Moabitas, para já não falar da Sua incursão nos hostis territórios samaritanos onde, mais uma vez com uma mulher, dá uma magistral lição de benignidade da Sua mensagem.

É bom recordarmos tudo isto como o princípio da transmissão a todos nós, povo cristão, do legado do Deus de Abraão, Isac e Jacó através de Cristo!

ICONOGRAFIA DE JESUS

Abordagem bíblica à utilização de imagens na evangelização.

José Manuel Coelho

Glossário:

Ícone – Do grego eikon que significa "imagem". No campo da semiologia é um signo visual que representa um objecto ou pessoa, numa relação de similitude. No campo da religião Cristã, representa um personagem bíblico.

Iconografia – Do grego eikon que significa "imagem" e graphia que significa "escrita". Linguagem que utiliza imagens para transmitir uma mensagem.

Iconoclastia – Do grego eikon que significa "imagem" e klastein que significa "quebrar". Um iconoclasta rejeita e destrói as imagens religiosas por convicção. Por vezes deriva ou confunde-se com iconofobia que, como qualquer neurose-fóbica é uma patologia do foro da psiquiatria.

Iconofilia – Do grego eikon que significa "imagem" e philia que significa "amizade" ou "amor". Amor a imagens. Está associado, neste artigo, à iconodulia, veneração ou adoração de imagens ou o serviço religioso prestado a ícones.

A iconografia é um meio de expressão utilizado desde a antiguidade e referido na Bíblia, não apenas na sua dimensão comunicativa, mas também lúdica e contemplativa.

É Deus, o grande Arquitecto de toda a criação original, que também dirige o seu povo na conceção das estruturas e objetos de culto onde, segundo os relatos do Antigo Testamento, a comunicação iconográfica está muito presente.

Podemos ler em Êxodo 25:9, como o Santuário foi construído, segundo as orientações artísticas e técnicas de Deus:

"Fareis o santuário e todos os seus utensílios, de acordo com os modelos que vou mostrar-vos."

Nos versículos 10 a 22 seguintes, são apresentados, com todos os pormenores, os projetos de execução do Propiciatório e da Arca da Aliança.

Ambos os objetos são construídos em materiais nobres e ricamente decorados, destacando-se no Propiciatório a beleza de duas esculturas representando querubins com *"as asas estendidas para diante, cobrindo com elas o propiciatório"*, *"voltados um para o outro e os seus rostos estarão inclinados para o propiciatório"*. Esta representação não é meramente decorativa, pois os dois objectos, o Propiciatório e a Arca da Aliança, sendo os mais sagrados do tabernáculo, constituem uma unidade simbólica portadora de uma mensagem implícita: A arca guarda o maná, a vara de Aarão e as pedras do decálogo, os três elementos que testemunham a aliança de Deus com os homens. Sobre a arca era colocado o propiciatório, onde Deus comunicava diretamente com Moisés: *"É ali que me encontrarei contigo, é do alto do propiciatório, entre os dois querubins dispostos sobre a arca do testemunho, que te comunicarei todas as minhas ordens para os filhos de Israel."*

Deus também instruiu o procedimento para o desenho do candelabro, do altar dos perfumes e da mesa para a oferenda de pães, onde a decoração naturalista é profusamente aplicada, com representações de botões e flores de amendoeira, assim como o altar dos holocaustos e todos os demais utensílios do templo (Êxodo 25:23-40; 37:10-20).

As vestes dos sacerdotes foram artisticamente pensadas, contendo uma riqueza de cores em bordados representando *"romãs de púrpura violácea, de púrpura escarlate, de púrpura carmesim, entremeadas de campainhas de ouro"*. Imagens conjugadas com sons, dão ás peças de vestuário litúrgico um efeito

cénico invulgar. (Êxodo 28:31-35).
Estas são mais umas obras de Deus cheias de criatividade, onde todos os sentidos humanos estão presentes: visão, audição, paladar, olfato e tato.
Para a sua execução, Deus escolhe artistas qualificados, aos quais abençoou com o Seu Espírito (Êxodo: 31:1-11), assim como determina os melhores locais de extração das matérias primas (2Crónicas 4:17).
A mesma atenção de Deus pelos aspetos plásticos e de qualidade de execução, será novamente aplicada ao projeto do templo de Jerusalém (1Crónicas 28:11-19; 1Reis 6:1-37).
Para o santuário, nos muros e nas portas, ordenou que fossem esculpidos querubins, palmas, figuras de bois, flores de Lis (2Crónicas 3:1-14; 4:1-5) e como memoriais escultóricos, com função unicamente simbólica, Deus mandou erigir duas grandes colunas à entrada do templo, cujos capiteis tinham esculpidas correntes e romãs. A cada uma destas colunas atribuiu os nomes de Joaquim, que significa "Ele estabelece" e Boaz, que significa "Ele virá em poder" (2Crónicas 3:15-17; 1Reis 7:21).

Estes elementos de expressão plástica não eram exclusivos da arte religiosa, estão também presentes na arte secular do povo de Israel. No palácio do rei Salomão são descritos leões, bois e querubins, esculpidos como sinais do poder do monarca (1Reis 7:29; 10:18-20).

Vejamos outro exemplo na narrativa bíblica, onde a criação de objetos artísticos, com intenção contemplativa ou comunicativa, está evidente e é utilizada por Deus como sinal da sua presença junto aos homens e mulheres. Na demorada caminhada purificadora do povo, após a saída do Egipto, Deus ordena a Moisés que crie uma escultura em metal figurando uma serpente e que a coloque na ponta de uma alta vara, de forma a que todos os que a olhassem, pudessem salvar-se do veneno mortífero das víboras (Números 21:4-9).

A Arca da Aliança com o propiciatório, a serpente de Moisés e o Templo, são três descrições bíblicas de objetos e espaços construídos que parecem contradizer as passagens que repudiam a idolatria, apoiando as justificações utilizadas pelos defensores da veneração de imagens e de edifícios santificados.
Esta interpretação legitimadora da veneração de ícones, surge desde cedo no povo de Israel e permanece até aos nossos dias. Parece que a purificação do coração dos homens e mulheres não ficou resolvida no deserto do Sinai, mantendo-se a tentação para criar "bezerros de ouro".
Analisando o texto de Êxodo 32:1-6, vemos que o povo de Israel não tivera a intenção de inventar uma outra divindade para adorar, mas sim, pretenderam materializar uma imagem do seu próprio Deus para que, venerando esse ícone, Lhe pudessem prestar adoração e O festejar de forma palpável.
"Façamos um deus que caminhe à nossa frente", *"Então exclamaram: Israel aqui tens o teu deus, aquele que te fez sair do Egipto. Vendo isto, Aarão construiu um altar diante do ídolo e disse evoz alta: Amanhã haverá festa em honra do Senhor."*
Mas Deus considerou esta representação de si próprio como sendo uma atitude idolátrica, reprovando-a severamente (Êxodo 32:7-10)

A história do povo de Deus foi marcada, ao longo do tempo, por sucessivas tendências de transmutação da iconografia em Iconofilia, através da veneração de imagens de diferentes personagens bíblicos, inclusive de Jesus, do Espírito Santo ou do próprio Pai.

Conforme explica o Pastor Paulo Garrochinho: *"Jesus é o perfeito Ícone de Deus Pai, do Absoluto que nos transcende. É a representação perfeita e visível do Pai Eterno, de YHWH. É como se fosse o Pensamento de Deus, tornado visível e audível aos homens."*
O vocábulo "Eíkon", Ícone em grego, surge no Novo testamento, por exemplo, na carta Paulina aos Colossenses 1:15, sendo aplicado a Jesus: *"O qual é imagem* (Eíkon/Ícone) *do Deus invisível, o primogênito de toda a criação."*
Não será de estranhar que venha a ser com o ícone de Jesus, o grande adversário do Diabo, que se assis-

ta à maior profusão desta tendência idolátrica.

Em Mateus 12:46-50 é relatada a tentativa de utilizar Maria como intercessora perante Jesus e em Lucas 11:27-28 uma primeira tendência para a veneração da mãe do Salvador. Em ambos os momentos, Maria não surge como voz ativa na ação, mas sim o seu nome é que está a ser manipulado por terceiros, de forma maligna e até profanadora da sua santidade, como mulher escolhida por Deus para dar à luz o seu Filho. A reação de repúdio, por parte de Jesus, é assim dirigida a todos os que idolatravam o nome da sua mãe.

Infelizmente, estas vozes veneradoras da imagem de Jesus e de Maria, ecoaram ao longo dos anos e no início do séc. VIII da era Cristã, começam a evidenciar-se, dentro da Igreja, duas correntes de pensamento contraditórias.

Por um lado, a Iconoclastia, um movimento contra a veneração de ícones, defende e promove a destruição indiscriminada das imagens e a proibição da sua utilização no culto.

Por outro lado, a Iconofilia, defende a veneração dos ícones, fundamentada nos já referidos textos bíblicos, que relatam a criação de imagens por ordem expressa de Deus e, acima de tudo, justificando -se na encarnação de Deus em Jesus.

Durante mais de um século, a oscilação da predominância política e clerical entre uma e outra destas correntes de pensamento, radicais e cegas, derramou muito sangue de ódio sobre o nome de Cristo.

Esta guerra só veio a terminar em 843, pelas mãos do patriarca de Constantinopla Metódio I e pelas autoridades da Igreja, proclamando a cedência à veneração das imagens.

Ambas as correntes não souberam interpretar os sinais mostrados por Deus, relativamente à importância da iconografia como meio de comunicação:

- Os Iconoclastas, recusam o potencial da transmissão de mensagens através de imagens, especialmente perante uma sociedade quase totalmente analfabeta, ignoram a evidência de que o pecado da idolatria não reside em pedaços de um qualquer material, artisticamente trabalhados, que *"não podem fazer mal, nem podem fazer bem"* (Jeremias 10:2-5), mas sim na atitude humana da sua veneração. Optaram pelo caminho mais simples da proibição e da destruição, desperdiçando assim um importante meio de evangelização.

- Por outro lado, os Iconófilos, ignorando a impossibilidade de representar a Divindade por meio da nossa dimensão limitada de espaço e de tempo (Jeremias 10:2-16; Deuteronómio 4:15-24 e 27:15; 1Reis 14:9; Isaías 40:18-20 e 44:9-20; Atos 19:23-28; Salmos 115:4-8; João 4:24), caíram na tentação de venerar as imagens iconográficas, criações da mente e mãos humanas.

Mas os dois primeiros mandamentos da Lei de Deus colocavam um problema!

Lendo Êxodo 20:3-6 e Deuteronómio 5:7-10 verificamos que:

- As primeiras palavras exaltam o Monoteísmo, a exclusividade de Deus, repudiando a idolatria: *"Não haverá para ti outros deuses na minha presença"*, configura o 1º mandamento.

- Nas segundas palavras ou 2º mandamento, é proibida a criação de imagens com intuito de veneração: *"Não farás para ti imagem esculpida nem representação alguma do que está em cima, nos céus, do que está em baixo, na terra, e do que está debaixo da terra, nas águas. Não te prostrarás diante dessas coisas e não as servirás..."*.

Lamentavelmente a Igreja, não conseguindo justificar a sua opção pela veneração de imagens, em coerência com o 2º mandamento da Lei de Deus, viria primeiramente a agregar estes dois primeiros mandamentos num só e mais tarde a fundi-los, alterando o próprio texto da Santa Lei de Deus para: *"Amar a Deus sobre todas as coisas"*.

Esta adulteração dos mandamentos, alegando a necessidade de simplificar o texto da Lei, contraria as orientações Divinas expressas em: Deuteronómio 4:2; Provérbios 30:5-6; Mateus 5: 17-18; Apocalipse 22:19, assim como, esvazia o seu conteúdo, legitimando a veneração de representações iconográficas.

A opção da Igreja, fundamentada na serpente de Moisés, na representação dos anjos no propiciatório sobre a Arca da Aliança, ou mesmo na pujança decorativa do templo, ignora o final da história de todos esses elementos:

(Rubens," Moisés e a serpente de bronze")

-A serpente de Moisés foi destruída pelo rei Ezequias com a aprovação de Deus: *"... Despedaçou a serpente de bronze que Moisés tinha feito, porque até então os israelitas queimavam incenso diante dela..."* ***2Reis 18: 4b-8***

(Escola Flamenga, "Transferência da Arca da Aliança")

- A Arca da Aliança, depois do povo de Israel ter passado a utiliza-la como amuleto ou talismã, desapareceu do contacto terreno, sem ter sido revelado como. Apenas sabemos que a sua simbologia e a dos elementos que a integravam, se mantêm até à vinda de Jesus, pois ela está presente na visão do Apocalipse (Apocalipse 11:19).

- O templo de Jerusalém também adquiriu um estatuto idolátrico na consciência do povo. De espaço para adoração passou a espaço adorado, atitude que Deus reprovou. Reparemos como os próprios discípulos, olhando para o templo, veneravam o seu esplendor e a consequente reação de Jesus:

"Ao sair do templo, um dos discípulos disse: Repara, Mestre, que pedras e que construção!

Jesus respondeu: Vês estas grandiosas construções? Não ficará delas pedra sobre pedra, tudo será destruído." ***Mateus 13:1-2***

- Uma outra justificação, mais elaborada, para a defesa da veneração de ícones, baseia-se nas palavras de Jesus afirmando ser, Ele próprio, a imagem do Pai (João 14:8-10). Como se Jesus estivesse a defender, aqui, a possibilidade de materialização da imagem de Deus através da sua própria representação, legitimando a criação de ícones de si próprio, reproduzindo o seu aspecto físico e consequentemente a respectiva veneração. Mas Jesus está a referir-se à sua dupla natureza, humana e divina, ao seu ministério terreno e à mensagem de salvação. Nos versículos 15 a 17 seguintes, Jesus menciona a necessidade do cumprimento dos Seus 10 mandamentos, onde está explicitamente reprovada a criação de qualquer imagem com o objectivo de serem veneradas, anunciando também que, após a sua morte, manterá a sua presença junto àqueles que o procurarem, de forma sentida, mas invisível, através do Espírito da Verdade.

Jesus deixa bem claro que a sua manifestação entre nós é imaterial (versículos 19 a 24).

No mesmo evangelho de João, Jesus revela também, à mulher Samaritana, que a verdadeira adoração ao Pai não passa por realidades físicas deste mundo, quaisquer que elas sejam, *"mas chega a hora – e é já – em que os verdadeiros adoradores hão-de adorar o Pai em espírito e verdade, pois são assim os adoradores que o Pai pretende."* ***João 4:21-24***

Foi através da perfeição visual da obra Divina, que os primeiros seres humanos foram tentados pelo Maligno:

"Vendo a mulher que o fruto da árvore devia ser bom para comer, pois era de atraente aspeto e precioso para esclarecer a inteligência, agarrou o fruto, comeu, deu dele também ao seu marido, que estava junto dela e ele também comeu." ***Génesis 3:6***

Um dos personagens da novela "O Idiota" de Dostoievski profetiza: *"A beleza salvará o mundo"*.

Esta frase que parece saída da boca da serpente, sussurrando aos ouvidos de Eva, continua a ecoar no pensamento de muitos Cristãos, fazendo-os esquecer os alertas do livro de Eclesiastes, de que *"tudo é efémero debaixo do sol"* e de que só Jesus Cristo ressuscitado poderá salvar o mundo.

Nada do que o homem possa fazer, por mais belo que seja, tem poder de salvação, por si só.

O atual "Catecismo da Igreja Católica" refere, no seu parágrafo 2132, as palavras de Basílio, bispo de Cesareia: *"A honra prestada a uma imagem remonta ao modelo original"*, assim como, a norma emanada do Concílio II de Niceia que declara: *"Quem venera uma imagem venera nela a pessoa representada"*.

No entanto, a prática dos seus mais altos representantes, ultrapassa este entendimento e rende adoração às imagens criadas e não à sua representação.

Infelizmente, em inúmeras situações, vemos ser isolada uma obra especifica de um ícone, em relação a todas as outras obras da mesma representação, para ser utilizada na celebração de um ritual ou liturgia, por exemplo: um Crucifixo em particular ou uma determinada representação da Virgem Maria e não qualquer outra imagem da mesma representação, fazendo com que essa obra de arte, isoladamente, ultrapasse a sua materialidade como objeto simbólico, tornando-a amuleto manipulável com atributos especiais, adquirindo assim, este objeto, honras próprias de divindade.

É fundamental desenvolvermos a consciência de que existe uma perigosa e frágil fronteira entre: olhar e interpretar a mensagem transmitida por uma representação iconográfica e a resistência à tentação em não venerar essa imagem.

Há um ponto essencial que caracteriza tanto o iconógrafo como o iconoclasta: ambos creem num poder intrínseco aos ícones. Num caso o poder Divino, noutro o poder satânico. Ambas as posições não encontram justificação na Bíblia.

Então como nos devemos relacionar com a iconografia?

A chave para encontrar a resposta está na própria Bíblia:

- Como referido inicialmente, Deus aprova a utilização de imagens como meio de comunicação, mas não a sua veneração. O que Deus rejeita não é a imagem, mas determinados posicionamentos e atitudes humanas perante ela.

- Quando, em João 3:13-15, Jesus recupera a imagem da serpente de Moisés, como sendo a imagem da sua própria crucificação, está simultaneamente a nos lembrar que essa imagem foi destruída, quando passou a ser venerada, mostrando assim o tentador perigo de idolatrarmos os ícones da sua crucificação.

- Na utilização da iconografia, como comunicação da mensagem evangélica, devemos estar conscientes das suas características específicas, de maneira a que possamos utilizar todo o seu potencial e, ao mesmo tempo, atentos aos riscos que apresenta.

- O uso de qualquer dos tipos de imagens: pintura, desenho, fotografia, escultura, ou outras, bidimensionais ou tridimensionais, estáticas ou dinâmicas, quando bem elaborado, é a forma mais rápida, objetiva e direta de transmitir uma mensagem.

As imagens estimulam as nossas emoções, os nossos pensamentos e imaginação, conseguindo graus de identificação que nos seduzem e aproximam das ideias correlacionadas.

Também a assimilação da informação transmitida pelas imagens, comparativamente à escrita ou à oralidade, está mais liberta dos filtros de idiomas, culturalidades ou graus de instrução e descodificação.

Na evangelização, todos os meios de comunicação são permitidos, desde que coerentes com a palavra Divina da Bíblia.

Terminamos com uma análise comparativa entre quatro obras de arte, expostas no Museu de Arte Antiga de Lisboa.

Dois exemplos de iconografias ricas em conteúdo de comunicação evangélica, em contraponto com outras duas obras carregadas de incoerências com a mensagem bíblica:

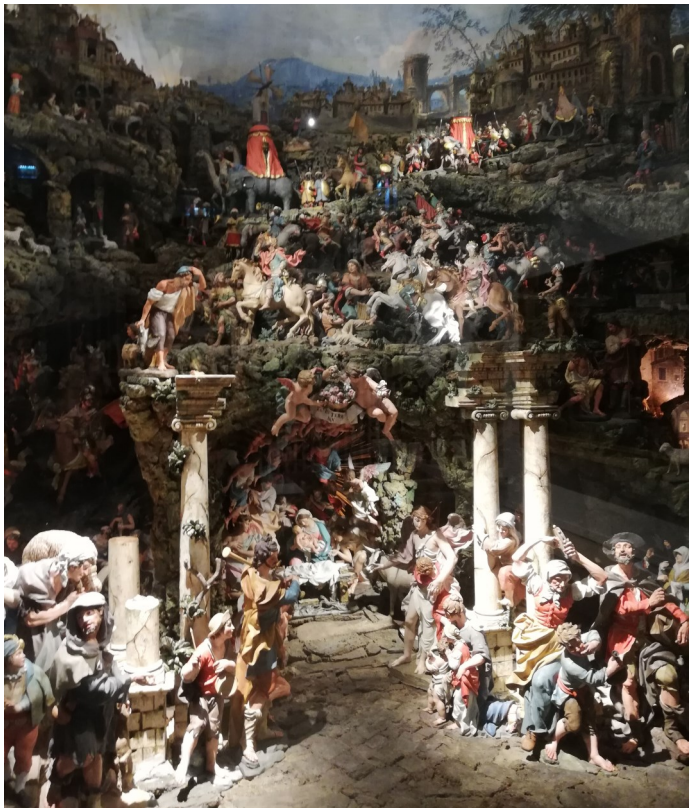
Bibliografia:

- Bíblia na versão "Nova Bíblia dos Capuchinhos", edição Difusora Bíblica;
- "Imagens Religiosas", edição da ID7D Portugal;
- "Catecismo da Igreja Católica";
- "Ícones", Teodoro de Faria;
- "A Arte e a Bíblia", Francis Schaeffer
- "História Dos Hebreus", Flávio Josefo
- "Bíblia Sagrada", Alain de Botton;
- Le Nouveau Testament – repères iconographiques"
- Semiótica e Bíblia, vários autores;
- Imagens recolhidas no Museu Nacional de Arte Antiga, em Lisboa.

A) "O Presépio do convento das Salésias," de autor desconhecido, realizado na primeira metade do século XVIII e o Tríptico da "Descida da Cruz," pintado por Pieter Coecke van Aelst durante a primeira metade do século XVI, são obras que permitem uma exegese muito completa e coerente com os textos bíblicos, não colocando qualquer tónica na sua veneração, mas apenas na interpretação das mensagens transmitidas pelas imagens.

B) O "Presépio dos Marqueses de Belas", realizado por vários autores no final do século XVIII e a "Adoração dos Magos", pintado por Domingos António de Sequeira em 1828.

Estas duas obras contêm um grande conjunto de incongruências com a mensagem evangélica, comunicando ideias não apenas apócrifas, como falsas, segundo os relatos bíblicos. Sendo obras de arte tecnicamente excecionais, tornam-se maléficas pelo seu conteúdo comunicativo.



OFERTA DE ASSINATURA

Revista Compreender

Estimado senhor(a):

Este exemplar da revista Compreender foi-lhe oferecido.

A revista Compreender é distribuída de forma grátis, sem custo de assinatura.

Para receber a revista Compreender de forma regular por via postal, apenas tem que enviar os dados abaixo discriminados para:

Desejo receber a revista Compreender de forma gratuita.

Nome:

Morada Postal:

Código Postal: Localidade:

Revista Compreender
Apartado 9827
EC – Alameda
1900-014 LISBOA
PORTUGAL

Se desejar e em alternativa, pode solicitar a sua assinatura através do e-mail: geral@id7dp.pt

Desejamos tê-lo (a) como assinante.

Que Deus o(a) abençoe

O Projecto Compreender

_____

(Garantimos que este endereço só será utilizado para o envio postal de material impresso do projecto Compreender)

DESEJA CONTRIBUIR PARA O MINISTÉRIO DO PROJECTO COMPREENDER?

Esta revista e todas as iniciativas do Projecto Compreender (rádio, internet, etc) são possíveis através das contribuições voluntárias dos que desejam contribuir para este projecto de colaboração do Reino de Deus.

As contribuições financeiras feitas à ID7D são dedutíveis no IRS ao abrigo do mecenato religioso.

As contribuições podem ser feitas através das seguintes opções:

- Entrega direta aos tesoureiros ou outro responsável das missões.
- Transferência para a Conta bancária em nome da "Igreja de Deus do Sétimo Dia" (indicando o nome e nº de contribuinte).

BANCO - SANTANDER

NIB: 001800034916638202029
IBAN: PT50001800034916638202029
SWIFT: TOTAPTPL.

DESEJA SABER MAIS SOBRE A IGREJA DE DEUS DO SÉTIMO DIA?

Estamos ao seu dispor para qualquer esclarecimento ou sugestão.
Entre em contacto connosco através dos nossos endereços:

ACOMPANHE E CONTACTE A IGREJA NA INTERNET

www.id7dp.pt | www.facebook.com/ID7D.PT | @radiocompreender | Geral@id7dp.pt | aid7dp@gmail.com